

## EM SÃO PAULO

O Quarto Centenário torna São Paulo como que ainda mais "self-conscious", e a cidade ama falar de si mesma, e sentir-se, ver-se, admirar-se... Cada paulistano sente secretamente que é pelo fato de andar ele tão depressa na rua que esta é a capital do mundo a crescer mais depressa. Há uma certa "morgue" no editorial do grande matutino, escrito sob a indisfarçável impressão de que a Constituição determina taxativamente que o ministro da Fazenda deve ser paulista. Há um fundo de publicidade político-social mas também um legítimo orgulho no gesto dos particulares que resolvem organizar a festa que o governo não organizou... Passo 4 dias na cidade e há pelo menos duas inaugurações importantes: a da refinaria de petróleo de Capuava (cantando as glórias da iniciativa privada, um jornal se esquece, entretanto, de que o oleoduto foi feito pelo governo) e a de uma fábrica de chapas de madeira.

Sim, o paulista trabalha. E também gosta, na hora vaga, de rodar pelo Ibirapuêra, sentir a força e a variedade da própria indústria, ouvir contar a história de sua cidade pela grandiosa, magnífica exposição que Jayme Cortezão organizou. No dia seguinte de manhã acorda um tanto cansado, e o jornal lhe conta coisas amargas — o preço dos gêneros sobe, o comércio acusa a indústria, a indústria afirma que o comércio não se satisfaz com um lucro inferior a 100 por cento, e em muitos casos esse lucro é superior a 200. Esse diálogo azêdo entre os expoentes das classes conservadoras deve cessar logo: o consumidor, ouvindo isso, sente com mais precisão o quanto é roubado, o operário aprende o quanto é espoliado... Senhores, tais discussões contrariam a paz social!

A política de restrição de crédito lança em crise a indústria de construção, dentro da qual é difícil separar o que é especulação do que é necessidade coletiva. Mas outros industriais também se queixam; um deles, interessado em criar paulatinamente a indústria de automóveis, me explica: negando-me "n" divisas o governo torna obrigatório o dispêndio, por ano, de "n mais 20" divisas; a restrição brutal, sem exame verdadeiro dos fatos econômicos, é contraproducente... Ameaças de greve um pouco por toda parte; em uma cidade do interior o povo, descontente, assalta e queima a usina elétrica e o escritório da empresa. Inquietação nos bancos. Fala-se de um plano grandioso das IRFM de criar uma cadeia de pequenos bancos para substituir os "tamboretetes" que não aguentarem o rojão e, sem agiotagem, capitalizar para a indústria o dinheiro dos próprios industriários. Lunardelli planta café no Paraguai; dois outros grupos abrem lavouras no Norte do Espírito Santo. A Prefeitura diz não ter dinheiro, o Estado aumenta o "deficit", repetem-se as acusações de corrupção, extorsão. As japonesinhas dançam lindo na casa japonesa do Ibirapuêra; mãos se escondem sob as longas mangas e depois se espalham, corpos gentis se movem na lenta melodia. Abrem-se, por toda parte, cafés que vendem a bebida feita à maneira italiana, espumanta e saborosa. Os pintores modernos não têm sossego: há uma febre de painéis. Aumentam os crimes. E na noite que desce, quase fria, sobre o dia exausto e morno, entre os rumores da rua paulistana, meu coração vai devagar rever a boa, antiga, fiel, querida amiga, sempre mais bela e mais amiga.

25/12/54 R. B.

205